

# ECOPIA

## um convite à colaboração

O Manifesto da ECOPIA não é uma declaração encerrada, mas sim um processo em movimento.

Os promotores da ECOPIA empenham-se para que indivíduos, instituições e redes que compartilham os mesmos princípios se unam à ECOPIA, contribuindo para a construção coletiva de um novo paradigma de cooperação entre os mundos acadêmico, institucional e civil, dentro de processos transformadores e territoriais.

ECOPIA é uma plataforma aberta à escuta, à experimentação e à transformação compartilhada.

Este manifesto está aberto à adesão de universidades, entidades públicas e privadas, movimentos sociais, centros de pesquisa, organizações da sociedade civil e indivíduos que desejem participar ativamente da rede ECOPIA.

## Manifesto

### Um manifesto em evolução para uma aliança aberta à pesquisa e ao diálogo internacional

#### DE ONDE VIEMOS...

Este manifesto da ECOPIA nasce do caminho iniciado em 2012 com a rede universitária internacional *Routes Towards Sustainability – Routes*, uma experiência que promoveu iniciativas de cooperação acadêmica entre mais de vinte universidades nos cinco continentes, por meio de uma abordagem multidisciplinar da sustentabilidade.

A era em que vivemos, assim como muitas outras ao longo da história, é marcada por múltiplas crises interconectadas — humanitárias, ambientais, sociais, políticas e epistêmicas —, bem como por crescentes desigualdades (Stocchiero & Morgante, 2023), pela erosão dos bens comuns (Ostrom, 2008), pela perda da biodiversidade e pela crise climática (IPCC, 2023; Ivanova & Serrano, 2022). Diante desse cenário, a rede *Routes* optou por evoluir e se renovar, reafirmando seu compromisso de uma década e ampliando seu horizonte de atuação.

Assim nasce a ECOPIA – *Eco Partnership for Interdisciplinary Action*, uma aliança aberta e dinâmica que une universidades, centros de pesquisa, instituições públicas, organizações da economia solidária e do associativismo, juntamente com atores privados.

O que une tantos sujeitos diferentes é uma visão comum: co-construir futuros justos, inclusivos, geradores e sustentáveis, através do diálogo entre saberes, territórios e práticas transformadoras.

Uma visão em constante evolução, capaz de se adaptar a diferentes contextos e às mudanças nas condições ao redor, voltada para oferecer uma interpretação positiva da sustentabilidade (que recupere saberes humanísticos, culturais e artísticos), contrapondo-se às leituras tradicionais de tom apocalíptico ou baseadas na culpa.

## ONDE ESTAMOS HOJE...

Apesar de trinta anos de retórica sobre a sustentabilidade – iniciada com a Cúpula da Terra no Rio em 1992 – os efeitos concretos das milhares de boas práticas realizadas permaneceram limitados.

O conceito de “desenvolvimento sustentável”, consolidado rapidamente, não conseguiu transformar profundamente os comportamentos coletivos, os sistemas produtivos nem as estruturas de poder (Sachs, 1992; Valera & Salazar, 2020; Franz, 2020 e 2022).

A Agenda 2030 e os seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (James, 2015; Ferrara, 2016) representaram um passo importante, mas não foram capazes de desencadear a necessária mudança estrutural, transversal e multinível.

Nenhuma disciplina, território ou comunidade pode enfrentar sozinha a complexidade dos desafios contemporâneos. É necessária uma convergência coral, capaz de entrelaçar saberes, práticas e visões além de todas as fronteiras geográficas, institucionais e epistêmicas (Morin, 2005). Neste espírito, a ECOPIA apresenta-se como um espaço gerador e inclusivo, onde os parceiros possam co-construir imaginários compartilhados e trajetórias de transformação.

Os fracassos, os retrocessos e os resultados insatisfatórios não devem levar à resignação, mas sim renovar o compromisso e a ação por formas de vida mais justas, relacionais e desejáveis. ECOPIA nasce justamente dessa tensão: como espaço coletivo de pensamento, ação e imaginação, onde sujeitos diversos possam se encontrar para construir alternativas reais, a partir dos territórios e das relações que os atravessam.

No centro dessa visão está a ideia de uma *casa comum* para habitar e regenerar juntos. A referência ao termo grego *oikos* – entendido não apenas como espaço físico, mas como uma trama viva de relações – chama à responsabilidade coletiva pelo cuidado das condições que tornam a vida possível.

Daí surge também a tensão em direção a uma utopia concreta, um horizonte que não promete certezas, mas convida ao movimento, à construção contínua e compartilhada. Como lembra Eduardo Galeano:

*“A utopia está no horizonte. Dou dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos adiante. Então, para que serve a utopia? Para isso: serve para caminhar.”* (Galeano, 1993).

A ECOPIA pretende ser exatamente isso: uma comunidade compartilhada, aberta e pluriversal, onde saberes, práticas e visões se encontram para dar forma a futuros que ainda não existem – mas que podemos construir juntos.

## PARA ONDE VAMOS...

ECOPIA quer trabalhar por um futuro em que:

- a justiça social e ecológica esteja no centro dos processos de transformação;

- os territórios sejam protagonistas na regeneração dos sistemas sociais, ambientais e econômicos;
- o conhecimento seja plural, situado e compartilhado;
- as universidades, instituições públicas e privadas, movimentos sociais, associações civis e empresas atuem como plataformas de aprendizagem mútua, solidariedade e engajamento público;
- a transição ecológica seja compreendida não apenas como uma mudança tecnológica, mas também como uma transformação cultural, transformadora e até espiritual;
- o conhecimento seja orientado para a mudança, a inovação, o fortalecimento coletivo e a criação de imaginários compartilhados e práticas concretas para habitar o mundo de maneira justa e geradora;
- as relações internacionais sejam baseadas no diálogo, no respeito e na co-construção entre diferentes visões de mundo;
- o conhecimento, a colaboração e a justiça sejam perseguidos como os únicos caminhos para a paz.

**ECOPIA compartilha os seguintes princípios:**

- Interdependência sistêmica: compreender e agir na complexidade exige ferramentas compartilhadas, diálogo entre saberes, visão holística e pensamento sistêmico; uma vez que toda crise está interligada, toda solução também deve estar.
- Justiça ecológica e social: avançar cultural e moralmente para a eliminação das desigualdades que atravessam territórios, gêneros e gerações, considerando as relações de poder históricas e estruturais.
- Transdisciplinaridade: superar as fronteiras acadêmicas e disciplinares para construir saberes com e entre comunidades, valorizando a coprodução do conhecimento e metodologias colaborativas.
- Descolonização do saber: reconhecer e questionar as hegemonias epistêmicas e culturais, dando espaço a perspectivas marginalizadas, silenciadas e resistentes, como as indígenas, feministas, comunitárias e outras tradições de pensamento (filosófico, político, econômico) historicamente excluídas.
- Regeneração territorial: considerar os territórios não como recursos a serem explorados, mas como relações a serem cuidadas; promover uma ecologia relacional que entrelace natureza, cultura, economia e afetividade.
- Democracia participativa: construir processos decisórios inclusivos, transparentes e transformadores, que reconheçam a autonomia e a autodeterminação dos sujeitos sociais.
- Economia da justiça e do cuidado: apoiar modelos econômicos alternativos baseados em reciprocidade, mutualismo, cuidado e bem-estar integral, como a economia solidária, a agroecologia, as finanças éticas, práticas de subsistência e comunalidade.

## COM QUAIS FERRAMENTAS...

- Promover a cooperação internacional entre universidades, entidades públicas e privadas, movimentos sociais, centros de pesquisa e comunidades.
- Gerar conhecimento transformador por meio da co-pesquisa, da formação compartilhada e da ação coletiva.
- Facilitar a transferência de saberes e fazeres, a mobilidade, a troca e o diálogo intercultural entre pesquisadores/as, estudantes e atores sociais.
- Desenvolver projetos conjuntos sobre temas prioritários como: a transição ecológica; os direitos da natureza e de todos os seres vivos; a construção de sistemas alimentares justos e resilientes; cidades e assentamentos humanos sustentáveis, circulares e inclusivos; a formação para o pensamento crítico e a cidadania ecológica.  
*[Outros temas poderão emergir de forma situada e dialógica, em resposta às prioridades dos territórios e comunidades envolvidas.]*
- Difundir práticas, resultados e narrativas que alimentem imaginários alternativos de futuro.
- Criar espaços de aprendizagem coletiva onde seja possível errar, experimentar, repensar o papel da pesquisa, da formação e do engajamento social.
- Educar para a pensabilidade da mudança.

ECOPIA é um espaço aberto a todas as pessoas que queiram contribuir, de forma partilhada e concreta, para a construção de futuros mais justos e sustentáveis.

## Referências bibliográficas

- Ferrara E. (2016). *Teorie e pratiche dell'Antropocene: storia e geologia dell'impatto umano sull'ambiente*. In "Culture della Sostenibilità", vol. IX: pp. 7-13.
- Franz G., (2020), *For a New Ecological Thought*. In "Review of Studies on Sustainability", 1, 2020: 1-20.
- Franz G., (2022), *L'Umanità a un bivio. Il dilemma della sostenibilità a trent'anni da Rio de Janeiro*, Mimesis Edizioni.
- Galeano E. (1993), *Las palabras andantes*, Siglo XXI Editores, Argentina.
- IPCC. (2023). *Climate Change 2023: Synthesis Report*.  
[https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC\\_AR6\\_SYR\\_SPM.pdf](https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC_AR6_SYR_SPM.pdf)
- Ivanova, A., & Serrano, R. (2022). Climate change, human rights and sustainability. *Revista Mexicana de Economía y Finanzas Nueva Época*, 17(4). <https://doi.org/10.21919/remef.v17i4.802>
- James, P. (2015). *Urban Sustainability in Theory and Practice. Circles of Sustainability*. Routledge.
- Morin, E. (2005). *Introducción al pensamiento complejo*. Editorial Gedisa.
- Ostrom, E. (2008). The challenge of common-pool resources. *Environment*, 50(4). <https://doi.org/10.3200/ENVT.50.4.8-21>
- Sachs, W. (1992). *The Development Dictionary. A Guide to Knowledge as Power*. Zed Books.

Salazar G., Cerna N. (2020). *Sustainability and the Future of the Commons. An Epistemological Examination*. In Valera L., Castilla J. (eds). *Global Changes. Ethics of Science and Technology Assessment*. Vol. 46, Springer. Berlin 2020.

Stocchiero, A., & Morgante, M. (2023). *I padroni della terra. Rapporto sull'accaparramento della terra 2023: conseguenze su diritti umani, ambiente e migrazioni*. <https://www.focsiv.it/wp-content/uploads/2023/10/LG2023-18.10.2023.pdf>